

A Princesa e o Mundo das Fábricas: a cidade moderna e a questão fabrilista em Caxias/MA (1940)

JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO¹

Universidade Estadual do Maranhão

Resumo: O presente artigo problematiza as representações constituída sobre a cidade moderna pelo Jornal Cruzeiro, periódico religioso, durante a década 1940. Nesse sentido, o texto reflete como os discursos do jornal evidencia o conceito de urbe moderna, a luz das fábricas que existiam na cidade. Nos discursos do periódico religioso, concebidos na segunda metade da década de 1940, a cidade não se apresenta apenas como Caxias, mas sim como a Princesa do Sertão, que se reveste de um manto moderno de desenvolvimento.

Palavras-chave: Imprensa. Cidade. Discurso.

Abstract: This article discusses the representations made about the modern city by Jornal Cruzeiro, a religious periodical during the 1940s. In this sense, the text reflects how the newspaper 's discourses highlight the concept of a modern city, in light of the factories that existed in City. In the speeches of the religious periodical, conceived in the second half of the 1940s, the city presents itself not only as Caxias, but as the Princess of the Sertão, who has a modern mantle of development.

Keywords: Press. City. Speech.

Recebido em 27/02/2018 e aceito em 15/05/2019.

1. Professor Assistente I da Universidade Estadual do Maranhão- CESC/UEMA. Doutorando em História Social da Amazônia - UFPA. Tese em andamento com finalização em abril 2018 intitulada: Os Filhos da Princesa do Sertão: perfis masculinos e a exaltação do modelo burguês de masculinidade na imprensa de Caxias-MA (1889-1930).E-mail: noskcajzaionnel@gmail.com

Caxias: A cidade moderna

A *Princesa do Sertão*, conforme os discursos apresentados pelo jornal, é uma menina que viverá naquele contexto da segunda metade da década de 1940 a fase de uma menina moça. Nas considerações do jornal, esse é um período em que os filhos da “Cidade Princesa” voltariam a viver os louros do progresso que outrora já haviam experimentado, mas que, em sua concepção, foi “roubado” pela falta de compromisso de governos anteriores para com a cidade e principalmente com os cidadãos.

Nas páginas do jornal *Cruzeiro*, são constantes os discursos de exaltação à segunda metade da década de 1940 e principalmente aos representantes do poder temporal. Nesse caso, Eurico Gaspar Dutra, eleito a presidente do país, em 1946, e Eugênio Barros, eleito a prefeito em Caxias, em 1948, foram, segundo o periódico religioso, a chave para que os espíritos do progresso e do desenvolvimento voltassem a se encontrar com os brasileiros, particularmente com os caxienses.

Em Caxias, como apregoa o *Cruzeiro*, quem cuidará dos destinos da cidade é Eugênio Barros, que, segundo o jornal, é detentor de qualidades para que o desenvolvimento se restabelecesse novamente em Caxias. Assim, o periódico brada em alta voz:

Ave! Caxias...

Eugenio Barros, militante fervoroso dos altos destinos da Princesa do Sertão. Honroso padrão de trabalho, pugnador do desenvolvimento de todas as energias vitais e ao fortalecimento de todas as bases sobre as quais, repousam o edifício da soberania do povo caxiense.

Estes fatos aparentemente insignificantes, assumem aos olhos meus a função de grande estímulo na vida Du administrador, o homem do comércio e da indústria, que desde cedo procura dirigir, com propriedades que possui e de virtudes viris ele que a inteligência e a ação se coordenam e se

fundem no alto plano administrativo tornando o altruístico, elevado e benemérito.

Dentro deste conceito está o Sr. Prefeito Eugenio Barros definido pela compreensão de seus deveres, sabe de antemão o peso das suas responsabilidades às grandes causas, fazendo surgir energias imprevistas, adquirindo serviços públicos federais para o seu município, nutrindo o povo caxiense de moral e de fé numa formação harmoniosa de novas gerações. Esses gestos que o definem pelo amor e como defesa às tradições gloriosas desta grande terra – Caxias, onde cantou Gonçalves Dias e tantas vezes foi proseada por Coêlho Neto, filhos desta gleba que lhes doaram a posteridade. AVE! CAXIAS. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 28 de novembro de 1946, p. 1).

É expressivo que o jornal não economiza os adjetivos qualificadores em relação ao prefeito eleito para governar a cidade. Tanto é que as frases que compõem o texto são entrelaçadas pela memória do ontem, de um passado glorioso que foi vivido e que se espera naquele momento que, por causa do prefeito eleito, a cidade volte a vivenciar. Um elemento que se torna visível, quando o jornal afirma que o progresso terá novamente espaço na cidade de Caxias, é que o seu discurso deposita nas mãos desses homens, Eurico Gaspar Dutra e Eugênio Barros, todas as responsabilidades.

No caso de Eugênio Barros, o jornal *Cruzeiro* publica uma poesia em sua homenagem, a qual, segundo o poeta, é um grito poético, para que a cidade volte a ser a cidade do ontem. Nesse aspecto, percebemos o quanto o periódico religioso potencializa a figura dos novos representantes de Caxias, como também exalta a própria ideia de ser, um sujeito que agrega as qualidades viris para reger o governo municipal. Assim, o *Cruzeiro* reverencia o prefeito:

Mui contente vos saúdo,
Dirigentes deste escudo
Do tradicional Maranhão!

Berço de excelsa alegria –
De bravura e valentia –
Princesa da inspiração!

O povo ansioso espera
Que transformes em alegria
Dos importais do sertão,
Que esta Princesa guia

Unidos vos encontréis,
Para torná-la, sabeis,
Poderosa e varonil!
Seja a princesa querida,
Do sertão, a preferida –
Cidade do meu Brasil.

Que do céu, calmo, sereno
Resplandecente e ameno
Deus abençoe esta terra –
E que sempre produtora
Amiga e encantadora
Seja na paz ou na guerra
Para terminar este escrito
Peço que ouçam meu grito que o bairro “São Benedito”
Precisa de luz e água –
Par ser um encantamento
Deseja melhoramento,
Que transforme num momento,
Em alegria, sua magia!. (CRUZEIRO, 23 de fevereiro, de
1948, n.º 621, p. 2).

O poema feito por José Nascimento foi declamado ao prefeito com o objetivo de apresentar os problemas sociais que a cidade de Caxias enfrentava naquele momento. A intenção era demonstrar como os cidadãos caxienses estavam esperançosos com os novos governantes.

Ao desenhar um perfil do novo representante dos caxienses no contexto em que estamos analisando, é evidente como o discurso do periódico religioso não se separa das práticas de convivência com o poder

temporal. Ou seja, incrementa no texto de apreciação ao novo prefeito palavras e sentidos que fabricam uma imagem positiva, que projeta na cena social elementos agregadores por parte das pessoas que confiaram o voto no candidato eleito.

Ancorada por “homens de garra” e “atitudes nobres”, como sempre afirma o *Cruzeiro*, a cidade de Caxias poderá abraçar a prosperidade e a ordem novamente. Sobre esta questão, é notória por parte dos representantes locais do governo, como também pelos representantes da elite local, a incorporação de discursos que representam o espírito do progresso e da própria modernização da cidade. Segundo o periódico religioso e os representantes da elite caxiense, é necessário que a cidade, a Princesa do Sertão, se desapropriar dos vestígios que representam o passado, ou melhor, o recorte temporal que a cidade foi habitada por maus administradores que não tinham o compromisso com a cidade.

A cidade, segundo o jornal *Cruzeiro*, vai sendo revestida de prédios modernos que simbolizam aquele momento de progresso que está se vivenciando:

Se são os prosadores, descrevem com maestria e perfeição as grandezas de sua pequena pátria; abençoam em linhas maravilhosamente compostas a terra que lhes compostas a terra que lhes foi berço e era o seu orgulho. E todos eles, poetas ou prosadores, deixaram em suas obras, o reflexo, às vezes, oculto aos nossos olhos, mas patentes às nossas almas, sentimentos de profundo amor para com a cidade natal. E esse passado que relembramos, ao ler as páginas desses grandes filhos de Caxias, fazem com que pensemos no seu presente e conjecturemos sobre o seu futuro.

Estacionaria no progresso, vivendo somente das glórias que os filhos lhe proporcionaram, Caxias se ergue altaneira para enfrentar o futuro [...] haverá de ser glorioso quanto seu passado cheio de brilho que jamais perecerá.

Aqui são prédios modernos que se constroem, ali palacetes, que se levantam rumo ao céu, como para narrar lhe

soerguimento da velha cidade, o melhoramento material em todo os ramos. Mais tarde, surgem a ideia benfazeja e abençoada de se construir um hospital e os filhos da terra de Miron Pedreira acolheram-na com todo o entusiasmo e se dispõem, a todo custo, a levar a efeito, a concretizar o pensamento que em tão boa hora surgiu.

Não fica, porém só nisso o seu progresso. A Caxias de Gonçalves Dias, Coelho Neto, já conta com uma entidade intelectual, que se propõe levar os jovens caxienses aos páramo e sublimes dos mundos das letras e fazer reviver nela os esplendores caxienses que também são glórias da literatura pátria. Caxias revive, Caxias se ergue em direção ao céu, Caxias entra novamente para chegar à imortalidade. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 30 de janeiro de 1948, nº 620, p. 3.)

Ao pensar a ideia de progresso para a cidade de Caxias, o jornal *Cruzeiro*, através do seu discurso, agrega ao crescimento econômico e às transformações políticas que estão sendo vivenciada, a própria herança cultural que foi vivenciada por Caxias em um momento anterior. Ao acionar esse capital cultural, vivenciado no ontem da década de 1940, os discursos do periódico religioso não se isentam de fazer uso de uma memória de glórias. Por isso, no trecho acima, compõe uma imagem positiva da cidade e do novo prefeito, juntando a essa construção elementos de glória e do espírito de desenvolvimento econômico e sociocultural de Caxias, vivenciado pela cidade no século XIX pelo processo de industrialização.

O jornal *Cruzeiro* trata a cidade de Caxias com esses adjetivos qualificadores de cidade que respira novamente o desenvolvimento e as glórias do passado, observa as inovações e novidades que estão aparecendo no cenário citadino. Mas também pensa a cidade a partir do novo governo, da ação do governante, uma fabricação que é feita através do discurso que é construído para validar os ventos desenvolvimentistas. A este respeito, observa Certeau,

Na perspectiva de uma democratização, condição para uma nova estética urbana, duas redes retêm particularmente a atenção: os gestos e os relatos. Ambos se caracterizam como cadeias de operações feitas sobre e com léxico das coisas. De dois modos distintos, um tático e outro linguístico, os gestos e os relatos manipulam e deslocam objetos, modificando-lhes as repartições e empregos. São “bricolagens” de acordo com o modelo reconhecido ao mito por Lévi Strauss. Inventam colagens casando citações de passados com extratos de presentes para fazer deles séries (processos gestuais, itinerários narrativos) onde os contrários simbolizam. (CERTEAU, 2009, p. 199).

Nesse ponto, a operação de fabricação da cidade, do sentido de ser cidade pelo discurso do periódico religioso, não deixa de lado os elementos que gestam uma positividade para esse movimento de cola e descola de fatos para compor os novos rumos da cidade de Caxias. Porém, nada é falso, tudo é verdadeiro. A cidade é verdadeira, os fatos aconteceram, mas o que se tem é um reemprego das funções linguísticas atribuindo uma prospectiva urbana para aquele presente que se está querendo imprimir naquele momento, a segunda metade da década de 1940.

As imagens de progresso na cidade de Caxias que se faziam presentes em discursos ou comentários possíveis de serem notados no jornal *Cruzeiro*, na época em que lançamos o nosso olhar, configuram-se como um elemento que busca definir os novos ares que circulam e que desejam se fazer presentes no cotidiano dos caxienses. No caso em que trazemos anteriormente citado, configuram-se como um aspecto que se funda com a ideia de progresso, como também de cidade moderna.

Diante desse prisma, a reunião de forças, segundo o discurso do jornal *Cruzeiro*, não deve ser apenas dos atuais governantes, mas de todos os cidadãos, principalmente aqueles que possuem a genética do progresso e do crescimento social e econômico. Desse modo, o jornal frisa a força

que está sendo desempenhada para que o progresso tanto almejado venha a acontecer na cidade naquele momento. Assim, o periódico apresenta:

CAXIAS REDIVIVA

É deveras admirável o sorguimento de Caxias que desperta do marasmo, do indiferentismo, da apatia em que jazia. Apresenta-se nos últimos dois anos, sorridente e prazenteira como uma menina de doze anos que “deixando de sertanejo, passa como seus encantos a ser moças” Em todos os setores se verifica atividade. É que ela, pela vontade de seus filhos, se enquadra na evolução. As construções se sucedem dando graça e beleza às suas ruas. Os Srs. Alderico Silva, José Delfino, Aniceto Cruz, Nanito Souza, Adib Simão, Eugenio Barros, e diversos, numa demonstração de bom gosto, dotaram a cidade de belos e majestosos prédios. Vemos seguir vertiginosamente o Palácio do Comércio que virá embelezar artéria principal, a praça G. Dias, centralizar o comércio e com um hotel modelo uma lacuna na “Princesa do Sertão”. Está aí em franca atividade a Associação dos Comerciantes com Cyrano Gandra à frente, justamente com valorosos batalhadores pela nobre causa. Ali se verifica a movimentação com aula noturna, Centro Cultura Artista, Biblioteca etc, já se tornando em pouco tempo uma realidade objetiva. Em breve iremos ter um Centro de Puericultura que virá amparar o que de mais nobre e belo temos para o futuro de Caxias, que é a criança. À frente daquela instituição está a Sra. Rosalina Barros, elemento de destaque social, que muito tem feito para aquela realização. Agora mesmo está aqui uma comissão composta dos Drs. Amaral de Matos e Pedro Braga Filho que vieram estudar o local de apropriação do prédio. Fundou-se a Sociedade Humanitária de Caxias, que tento a frente as senhoras de grande valor social e espírito dotado de caridade, elegeu como Presidente d. Dinir Silva ao lado de Carmelita Cruz, Miroca Lima, Nilsa Lobo e tantas outras pioneiras do bem, que se destinam dar à Caxias aquilo que ela mais necessita, um Hospital.

Assim verifica-se que Caxias não nega o seu passado glorioso, redivive para seu futuro. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 7 de setembro de 1947, nº 607, p. 3)

O discurso de exaltação à segunda metade da década de 1940, principalmente pelos feitos de algumas pessoas da elite caxiense, é visto pelo periódico religioso como ponto de relevância para que a cidade possa voltar a encontrar sua identidade de cidade-progresso de outros tempos.

Mas isso não apenas na sua modernização, mas também no seu campo cultural, pois nesse mesmo ano é criado pela ação do Pe. Aderson Guimarães e por Cyrano Gandra o Centro Cultural Coelho Neto, segundo o *Cruzeiro*, visando com que a cidade possa se reencontrar com a memória dos seus filhos e fazer com que a genética de “grandes representantes da literatura” possam ser lembrados pelos caxienses no período.

Daí ser este um período de exaltação do trabalho e da valorização do trabalhador para que os objetivos traçados se voltem e os tempos áureos possam reinar na Princesa do Sertão. Desse modo, o jornal afirma que o trabalho coletivo dos caxienses realizados naquele período está redirecionando os rumos da cidade para o crescimento econômico e social que poderiam levar a cidade ao progresso:

O povo de Caxias está entrando, pouco a pouco, num regime de cooperação em benefício da própria coletividade do meio. As associações de classes, de beneficência, de recreação e as instituições criadas para pugnar e trabalhar pelo desenvolvimento cultural e natural do meio, estão em franca atividade nos seus propósitos e muito têm contribuído para o cumprimento de sua finalidade. É com vivo entusiasmo e manifestação de justos louvores que consignamos, aqui, a nossa admiração e nosso reconhecimento pelo que se vem fazendo em prol do progresso de Caxias, numa verdadeira comunhão de ideias com os nossos poderes públicos do município.

Gesto do mais relevante desprendimento e do mais acendrado amor por esta terra foi sem dúvida, o do nosso ilustre e digno conterrâneo, Sr. Raimundo Castelo Branco de Almeida, doando, por intermédio dos Amigos de Francisco Dias Carneiro, nesta cidade, como auxílio espontâneo para as obras de construção da Praça Candido Mendes, em Caxias,

sua terra berço, a quantia de CINCO MIL CRUZEIROS, que já se encontra em poder daquela Sociedade, mediante pagamento que lhe fora feito, por ordem do referido doador, pela firma J. D. Silva, desta cidade. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 28 de janeiro, de 1949, nº 644, p.3).

Nessa linha de desenvolvimento que se enraíza em terras gonçalvinas, Caxias é mostrada pelo *Cruzeiro* como um lugar em que há o desenvolvimento das atividades, das obras públicas, das indústrias, que fazem com que a cidade ganhe “espíritos velozes” para vivenciar o progresso. Como bem afirma Pereira,

Caxias atinge um considerável auge de desenvolvimento no final da década de 1940. No momento da abertura democrática, Caxias possuía um comércio admirável que estava em pleno desenvolvimento. O crescimento urbano e as novas construções (residências e comércios) representavam a ansiedade pela chegada do progresso.(PEREIRA, 2006, p 28).

Ao perceber os sentidos de serem modernos, devido aos efeitos ocasionados pela economia da cidade de Caxias, os discursos presentes no periódico religioso não se omitiam em exaltar o momento de bons frutos vividos pela cidade e pelo país naquele momento. E para frisar que a cidade de Caxias é acalentada pelo espírito da prosperidade, o jornal *Cruzeiro*, em uma das suas publicações, menciona como a situação da cidade já é outra realidade. Assim, o jornal aponta:

Agora, já nos últimos anos, Caxias tem assistido o retorno de sua vida espiritual. É esse retorno que ela sempre esperou com ansiedade, por que ela segue o pensamento de G. A. Mann << Deve-se ser tão firme como a rocha contra as vagas da adversidade>> Ela aparecerem os cinemas, os auto-falantes, os educandários religiosos, as sociedades humanitárias, as associações de classes, e para que não dizer o nosso Centro Cultural. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão,

23 de fevereiro, de 1948, nº 621, p. 2).

Desse modo, percebemos que existe, como bem nos diz Certeau, uma “fabricação poética”, pois a cidade de Caxias, quando é apresentada nos discursos do jornal religioso, os modos de ver a cidade, são apreendidos por lentes sensíveis e poéticas, que, por sua vez, fabricavam uma identidade espacial para a cidade, diferente até mesmo da própria realidade. Nesse sentido, Oliveira Filho nos observa:

As identidades espaciais são fabricações humanas, não são inscritas na natureza, como algumas abordagens naturalistas parecem indicar. Além do que não há elemento que componha um dado território que não possua historicidade. Até mesmo a rocha que parece mais imutável é desgastada e modificada pelo tempo. E esta mutação é mais acentuada quando pensamos nas utilidades ou significados que esta rocha já teve ou tem para os humanos. Desde arma ou ferramenta, a mesma rocha pode ser objeto de culto, objeto de fruição estética, ou simples granito com valor econômico na construção civil. (FILHO OLIVEIRA, 2010, p. 16).

Neste sentido, notamos que os textos produzidos pelos redatores do *Cruzeiro* fazem uma recriação de uma cidade em que a mesma é apresentada nesses fios discursivos como sendo a “cidade moderna”, a cidade que congrega no bojo das relações sociais o sangue do progresso e do desenvolvimento.

Nessa questão apontada sobre uma cidade moderna, algo pertinente deve ser levado em conta, principalmente quando o jornal *Cruzeiro* apresenta em suas páginas discursos em que as palavras “progresso” e “desenvolvimento”, como também “cidade moderna”, estão presentes, pois se torna perceptível que ao formularem textos que expressem padrões e critérios já vividos nos grandes centros como o Rio de Janeiro no momento, estes termos não nos fazem ter em mãos uma imagem precisa do que era

a cidade de Caxias no período, mas apenas sentidos simbólicos projetados pelos caxienses.

Sob este olhar, Leite, pensando a cidade de Salvador no contexto das primeiras décadas do século XX, alerta:

A análise dos textos em que apareciam as palavras civilizar (ou civilizado, civilização, civilidade) progredir (ou progresso), modernizar (ou modernização, moderno), nas matérias e editoriais jornalísticos, foi o que permitiu construir algumas das acepções em que elas se transmudavam, as conotações que adquiriam. (LEITE, 1996, p. 42).

Nos discursos da chamada “boa imprensa cristã”, o *Cruzeiro*, ao produzir esta imagem de uma cidade moderna, de ordem, progresso, desenvolvimento, percebe-se que muitas questões são apenas vividas no plano do discurso, ou do desejo de poucos que faziam parte da sociedade que eram acalentados por uma estrutura financeira bem confortável.

Nota-se, então, que a representação pode ser uma categoria dotada de poder simbólico, por que em muitos elementos de um simbolismo social se internalizam, por exemplo, sentimentos de valores coletivos e a incorporação de reflexos do contexto em que tal representação é gestada. Segundo Chartier,

Um conceito como o de representação nos permite designar e ligar três realidades maiores: primeiro, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais eles agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam os signos e as “performances” simbólicas [...] e finalmente a “presentificação” em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade. (CHARTIER, 1990, p. 108).

Sobre esta prerrogativa, Chauí nos mostra algo relevante para a compreensão do conceito de representação para a análise em que estamos propondo. Segundo a autora, as representações são elementos discursivos sobre as ideias, que

[...] aparecem, então, como representação do real, a sua verdade, e como normas para a ação, isto é, como conduta” conforme a natureza das coisas” ou conforme a certos fins que seriam os mesmos para todos. Representações e normas constituem, então, um corpo de prescrições que devem ser seguidas quando se quer conhecer ou quando se quer agir. (CHAUI, 1993, pp. 28-29).

Nesse caso, a representação, ou melhor, a força da representação se apontaria pela ótica em que seu valor teria uma correspondência com o *corpus* discursivo e imagético sobre o real, como também pela lógica expressiva que esta representação teria em movimentar um véu legitimador de áurea de verossimilhança dentro do espaço social em que estaria sendo instituída.

Assim, ao olhar para cidade de Caxias e para os caxienses, buscamos cartografar as representações que são constituídas sobre estes pontos e como eles se intercalam nessas proposições representativas, que são elaboradas pelos articulistas do jornal *Cruzeiro* para Caxias e para os caxienses.

Em se tratando das representações constituídas no seio social da sociedade caxiense, no recorte temporal proposto para análise, percebe-se, então, que tais representações nos apontam sempre a constituição de um poder ideológico de autoafirmação, por exemplo, a constituição de um padrão de modernização e desenvolvimento que visa, a partir desse prisma de análise, instituir um perfil, um padrão inquestionável, para os espaços da cidade de Caxias como também aos caxienses.

A partir dessa lógica, o termo representação centra-se em uma ótica

em que seus tentáculos intencionais buscam apoiar-se nas memórias, nos mitos, em utopias, imaginários e principalmente em ideologias para assim instituir a legitimação desse padrão de cidade, e de cidade que caminha para o progresso e o desenvolvimento, mediante o trabalho coletivo dos caxienses, mesmo que seja apenas no campo dos discursos.

Caxias: a cidade das fábricas

As mudanças que ocorrem no mundo a partir da Revolução Industrial provocam mudanças expressivas no cotidiano dos sujeitos seja no início, no século XVIII na Inglaterra, como em outras temporalidades históricas. Assim podemos perceber que, mesmo que em cada contexto, os efeitos da revolução industrial tenham sido sentidos de forma peculiar, podemos perceber que algumas questões podem ser encaradas como pontos comuns entre os contextos diversos, como por exemplo, a urbanização das cidades, e aglomerado de moradias em volta dessas fabricas.

A Revolução Industrial uma vez iniciada na Grã-Bretanha em 1780, fez com em outros países pudessem começar a gozar dos benefícios da rápida expansão econômica que a revolução industrial pioneira estimulava. Para Eric Hobsbawm (2009) a expansão industrial do século XVIII não levou de fato e imediatamente, ou dentro de um futuro previsível, a uma revolução industrial, isto é, à criação de um “sistema fabril” mecanizado que por sua vez produz em quantidades tão grandes e a um custo tão rapidamente decrescente a ponto de não mais depender da demanda existente, mas de criar o seu próprio mercado. (HOBSBAWM, 2009, p. 48)

Nesse sentido, o Brasil só envereda na constituição de uma realidade fabril a ao longo do século XIX, mas significativamente no final do século,

o que demonstra que por muito tempo o mundo rural prevaleceu sobre o mundo urbano. Pensando essa realidade Maria Auxiliadora Guzzo de Decca, aponta que o Brasil quando inicia seu processo de industrialização constitui transformações expressivas nos aspectos econômicos e sociais. Autora aponta ainda que as indústrias começam a se tornar uma realidade em “pequenos núcleos urbanos”. Desse modo, Decca nos fala:

[...] as chaminés de fábricas e conjuntos industriais os povoaram, modificando-lhes a feição pacata e imprimindo-lhes outro ritmo de atividades. Novas formas de vida surgiram ao lado das formas de viver do mundo agrário, existentes desde há muito tempo. (DE DECCA, 1989, p 04)

Em Caxias-MA, a situação não se processa de maneira diferente, visto ser uma cidade do interior, e mesmo por se localizar distante dos grandes centros urbanos, podemos apresentar quando em pleno final do século XIX, as primeiras fabricas começam a ser instaladas na cidade interiorana.

As dificuldades iniciais da empreitada teriam que ser superadas pela força de vontade de seus diretores, pois diz-nos bem Ribeiro do Amaral, que na indústria que se tentava implantar “era tal a descrença de efetuar entre nós essa empresa, que nenhum capital veio então em seu auxilio, tendo a diretoria de tomar a si a responsabilidade da quantia que era necessária”. (COUTINHO, 2005, pp. 295-296)

Assim, a primeira fábrica instalada em Caxias, data de 1883, que por sua vez, fez criar um novo ritmo a cidade, pois conseguiram nos primeiros três anos de funcionamento uns bons rendimentos diante da realidade industrial do país naquele momento, final do século XIX. Mediante a isso, Coutinho (2005) nos aponta:

A força de uma ideia longamente alimentada e o destemo dos diretores da Industrial Caxiense superaram aqueles

obstáculos naturais a empreendimento de tal vulto e, assim, a fábrica foi inaugurada em 1883. Sua produção inicial foi totalmente absorvida pelos mercados consumidores, e os pedidos já se faziam por conta do que seria produzido futuramente. Logo no primeiro semestre ficou constatado que a empresa não iria à barrocada. E decorrido, os três primeiros anos de seu funcionamento, houve sensível ampliação do parque industrial para atender à demanda, que de boa se tornara excelente. (COUTINHO, 2005, pp. 295-296)

Diante dos efeitos que foram sentidos com a primeira experiência fabril apontado pelos primeiros industriais caxienses², a capital São Luis e a cidade de Codó, essa última cidade circunvizinha a Caxias, em anos posteriores também criam movimentos para que também iniciem a tentativa de instalarem suas primeiras fábricas.

Posteriormente as instalações destas primeiras fábricas outras foram sendo instaladas em Caxias, principalmente nos anos iniciais do século XX, saindo da perspectiva de produção de tecidos e promovendo uma diversidade na produção industrial.

As fábricas de Caxias estavam assim localizadas no bairro Ponte a denominada “Industrial Caxiense” fundada em 1883; a Manufatura Companhia União Caxiense no Centro da Cidade fundada em 1889, a maior delas e Sanharó no bairro Trezidela, e “União” também no bairro ponte, que de característica têxtil.

Nesse sentido, a nova mentalidade que emerge no final do século, sobre o processo de industrialização como via para o progresso faz com

2 Segundo Coutinho (2005) configuram como os primeiros industriais caxienses os idealizadores do projeto fabril caxiense, como José Ferreira Guimarães, Custódio Alves dos Santos, Segisnando Aurélio de Moura, Manuel das Chagas Pereira de Brito, Nuno Cândido de Almeida, Bernardo Pinto Sobrinho, como o naturalizado Francisco Dias Carneiro, que por sua vez, movimentou as ideias que foram assim elementares para construção das primeiras fábricas em Caxias.

influencie em empreitadas para a construção em Caxias de novas fábricas como a Companhia Industrial Agrícola, a Usina Agrícola Caxiense, Companhia para exploração da linha telegráfica, como também uma de telefone, além de uma fábrica para questão da distribuição da água na cidade a Companhia das águas. Essas indústrias deram a cidade de Caxias uma realidade fabril, que por sua vez, configurou um novo momento a cidade, como também a economia.³

Bem em se tratando da questão da industrialização durante o Governo Dutra, principalmente nos dois últimos anos, podemos apontar uma expressiva expansão da realidade fabril, e isso pela ótica dos produtos de consumo, direcionada para o mercado interno, tornando-se algo significativo para o país naquele momento. Para essa realidade acontecer podemos apontar dois fatores que influenciaram para que a realidade fosse possível.

A política de satisfazer a procura interna, mantendo um alto nível de importações, entrava em choque com a reduzida capacidade do Brasil para importar, exportador que era de produtos primários. Para retomar o equilíbrio, foi adotada uma política de controles cambiais em junho de 1947 que estabeleceu um drástico sistema de importação, ao mesmo tempo em que se mantinha a alta valorização da moeda brasileira, o que desestimulava as exportações. A conjugação desses fatores (desestímulo à importação de bens de consumo e à exportação de produtos basicamente agrícolas) permite que os investidores orientem seus capitais para a industrialização do país para atender à demanda interna. (SILVA, 1992, p. 17)

Assim, como em Caxias o setor têxtil foi inicialmente o tipo de indústria que emerge, podemos mencionar que as outros tipos de indústrias

3. Não encontramos na pesquisa dados que pudessem nos informar quando foram construídas, ou seja, o ano específico.

só passam a existir com mais intensidade nas primeiras décadas do século XX. Dentre elas estavam J. D. Silva, Eugenio Barros & Cia, Alderico Novais Machado e as firmas Floriano Pereira de Araujo e Silva, Adib Tomé Simão. Essas firmas como eram chamadas elas dedicavam suas atividades para exportação do chamado *ouro preto*, no caso o babaçu.

O *Cruzeiro* afirma que a partir de um dialogo com um dos representantes das firma, a exportação do ouro preto poderá trazer para cidade de Caxias ótimos rendimentos e cidade poderá gozar desses benefícios. O jornal apresenta:

Na opinião dos dirigentes da firma J. D. Silva, a exportação do babaçu tem probabilidade de melhorar no próximo ano e quiça nos anos subsequentes, num ritmo gradativo, desde aquele época, não venha a ser renovado no termino do seu praso a 30 de Junho do ano próximo vindouro. A liberação do mercado de babaçu, segundo ainda a opinião daqueles Srs. Tratará nova vida aos negócios do referido produto e com essa nova vida, maior desenvolvimento em todas as atividades, para o restabelecimento do ritmo normal dos negócios que há cerca de 4(quatro) anos obedecem a condições especiais, prescritas e impostas por um Acôrdo que ora nos favorece e ora nos prejudica, em face das restrições a que temos de sujeitar os negócios, em detrimento das vantagens das competições, da liberdade dos negócios no campo da oferta e da procura. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 12 de janeiro de 1946, nº. 535, p. 5)

Assim, diante desse primeiro momento vivido no final do século XIX e inicio do século XX, é que o jornal *Cruzeiro* aponta que a cidade em plenos anos 1940, que Caxias consegue congrega na sua realidade um cenário de indústrias que impulsiona em rumo ao desenvolvimento da cidade. Desse modo o jornal aponta a partir dos comentários de um representante da elite caxiense como a realidade de indústrias se apresenta no cenário caxiense nesse contexto da década de 1940. Nesse sentido o jornal *Cruzeiro* aponta:

Minha cidade Sr. Menezes possui indústrias já bem adiantadas. Temos três há muito tempo fábricas de tecidos, fábricas de extração de óleos vegetais, de sabão e outras pequenas indústrias caseiras, também de grande significação. Há prosperidade neste ramo de negócio. O comércio, quer o varejista, quer o exportador, cresce cada dia dando à cidade um aspecto de centro bastante movimentado. (CRUZEIRO, Caxias 07 de abril de 1949, nº 648, p. 2).

Nesse contexto, portanto a cidade, na perspectiva dos discursos do jornal *Cruzeiro* apresenta uma cidade que respira os ares da modernidade, como pela modernização em vista das novas oportunidades que as fábricas e o movimento dos seus produtos proporcionam aos cidadãos caxienses. Por exemplo, o jornal cita que os ventos do progresso que sopram através das indústrias em direção de Caxias, quando em 1946, na primeira página o *Cruzeiro* traz um informativo de quase meia página falando sobre as novas instalações da fábrica de tecidos *Companhia de Fiação e Tecidos << União Caxiense >>*. Na ocasião, a nota está fazendo referência as mudanças que ocorrem na fábrica, que proporcionaram o crescimento da têxtil, como a influenciará no progresso de Caxias. De tal modo, o jornal aponta:

A fábrica de tecidos << *Manufatura* >> continua melhorar cento por cento a sua eficiência industrial, não somente melhorando cada vez mais a situação material e sanitária do seu operariado para que aumente a produção, como também organizando a atividade dos serviços de sua indústria, lançando sempre novos produtos de sua manufatura de tecidos. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, segunda feira, 23 de fevereiro de 1946, p.7)

O texto fala que a vida fabril da Manufatura Caxiense está naquele momento passando por mudanças significativas vistas assim, pela ótica do crescimento da compra de produtos que são vendidos pela fábrica. Além dessas questões outro aspecto que sobre saí no texto é preocupação em

mostrar que com as mudanças que estão ocorrendo no interior da fábrica também está sendo pensadas na melhoria dos operários que trabalham no espaço fabril.

A notícia também deixa claro, que os produtos que foram lançados pela manufatura, foram bem recebidos pela sociedade, como também pelo mercado consumidor naquele momento. Aproveitando o ensejo o jornal enfatiza que a fábrica estará participando de uma feira de amostras que se realiza em São Luis, que segundo o jornal participam apenas as indústrias que tiveram inovações nos últimos anos, como também agradaram o mercado consumidor em relação aos produtos que oferecem.

Depois de ter lançado com bom acolhimento do povo – o *Algodãozinho Caxiense n.4* lançou depois diversos padrões do *Brim Domingueiro*, de boa qualidade, resistente, e de preços acessíveis ao trabalhador; em segunda foi lançada a lona *Taylor* que, pela sua resistência foi congnominada lona de verdade; há pouco, surgiu o tecido *Cretone Castelo*, cujo nome é uma homenagem as glórias das Forças Expedicionárias Brasileiras na sua histórica vitória de Monte Castelo; por ultimo foi lançado ao mercado o brim branco *Astroria*, tecido em teares de maquinas, com padronagens em relevo bem alvejado, o qual constitui, pelo seu preço módico, um presente á população deste Estado. Todos estes produtos estão expostos n 1ª. Feiras de Amostras do Maranhão em S. Luiz, e causaram ótima impressão, fazendo realçar o bom nome da industrial caxiense. O Stant da Companhia União Caxiense foi mui bem organizado e está sendo bastante apreciadores da Industria de tecidos do Maranhão.

Como homenagem ás famílias maranhenses, a Companhia União Caxiense está fazendo distribuir, semanalmente aos sábados, na Feira Amostras, peças de tecidos dos seus melhores produtos por meio de sorteios, inteiramente grátis. Atualmente encontra-se nesta cidade, o Dr Alfredo Veroneal, engenheiro eletro-tecnico, que veio proceder a instalação de um dínamo gerador de luz de 35 K VA, esperando-se que dentro de 15 dias, a Companhia União Caxiense terá a sua luz própria e assim poderá inaugurar uma segunda turma de trabalho até as 10hs da noite serviço a mais de 2000

operários.(CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, segunda feira, 23 de fevereiro de 1946, p.7)

O texto acima enfatiza que a manufatura a representação da fábrica da economia, principalmente quando o texto narra sobre a participação da fabrica na feira de amostra que estava acontecendo na capital, São Luis. È notório que o texto faz uma exaltação ao próprio empreendimento que existe na cidade de Caxias. Também sublinha que a Manufatura está investindo em novos equipamentos para que possa aumentar a produção como também o numero de funcionários.

Podemos perceber que o jornal em seus discursos desenha uma realidade fabril próspera tanto para os donos da fabrica quanto os trabalhadores, que ofereceram sua força de trabalho para indústria. Diante dessa questão o jornal acrescenta as modernizações que estão sendo realizadas naquele momento serão também para que seus funcionários possam ter comodidades para executarem suas atividades laborais.

A Companhia de Fiação e Tecidos<< União Caxiense>> está finalmente terminando a construção de um amplo armazém para deposito de algodão e, finda edificação do mesmo iniciará a construção de 8 casas á rua S. Pedro, com todas as acomodações: banheiro, dispensa e sentinas higiênicas e demais dependências domesticas, as quais serão destinadas á morada dos seus mestres e contra-mestres. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 23 de fevereiro de 1946, p.70).

Nesse caso, Maria Auxiliadora Guzzo Decca pensando a realidade fabril no Brasil nas primeiras décadas do século XX nos fala que as fabricas elas eram configuradas em sua maioria com agregados de vilas em que os operários poderiam viver próximos a grande indústria. Porem como a mesma autora frisa estes agregados, de moradias, que se localizavam nas “cercanias” das fabricas eram regulados pelos regulamentos da fábrica.

(DECCA, 1989, p. 15)

O jornal aponta também em seus discursos que a relação que os industriais e os operários era uma relação harmônica, mesmo que fosse de outra forma, nos discursos do periódico religioso a representação sempre acompanhada de compreensão e união. Por exemplo, quando inicia o ano de 1946 as fabricas, Sanharó e União Caxiense oferece um almoço de confraternização, e no discurso, a percepção que o jornal quer apresenta é da bela união de ambos os lados, no caso, patrão e empregado.

Almoço de confraternização nos meios industriais

No dia 1 de janeiro, realizou-se no bairro Ponte um almoço de confraternização oferecido pelas fabricas de fiação e tecelagem Sanharó, União Caxiense S/A e Caxias Industrial aos chefes de suas secções, mestres e contramestres, comparecimento dos técnicos e diretores das referidas Companhias Industriais. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 12 de janeiro de 1946, num, 535, p. 5)

Nas considerações do jornal *Cruzeiro*, os patrões quanto empregados, os trabalhadores das fabricas demonstravam com reuniões como essas que todos estavam imbuídos para fazer a cidade crescer, e transformar a vida econômica de Caxias. Desse modo, todos os esforços e união que pudessem ser realizadas naquele momento possibilitariam o crescimento da cidade e todos.

Nessa esteira de considerações sobre crescimento da cidade, o jornal também não deixa de parabenizar, como já mencionamos em outros momentos da nossa discussão as iniciativas que eram realizadas em prol do crescimento da cidade. Nesse caso podemos citar quando na cidade de Caxias é realizada a instalação de uma fabrica de óleos.

Como já citamos, a experiência fabrilista que foi efetivado no final do século XIX na cidade, tornou-se um caminho lembrado para que em outros

momentos, como é caso desse recorte temporal em que estamos discutindo, possamos perceber a instalação de novos tipos de fabricas na cidade.

O jornal ver essas atitudes como algo divino para Caxias, pois como bem vai apontar em seus discursos isso significava que uma “recompensa e esforço dos que trabalham na alma o ideal de Bem e sentido no coração os anseios de progresso, cooperando para o bem estar e felicidade do povo.” (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 10 de setembro de 1949, Ano XVI, p.2).

Na percepção do jornal *Cruzeiro*, o que acontece naquele momento com urbe é um providencia divina que está abençoando a cidade, com expressivos investimentos, e mais ainda homens que estão voltando o seu olhar para proporcionar o desenvolvimento de Caxias. O jornal ainda considera que esse movimento de transformação econômica que acontece na cidade, é devido a cooperação tanto da classe operaria, como os próprios patrões.

[...] o bem estar e felicidade do povo representado pela classe operaria que se movimenta impulsionada pelo Capital, realizando prodigiosos efeitos em obras uteis ao bem coletivo e necessária ao aproveitamento das riquezas naturais de qualquer região, obedecendo a planos de organização industrial. E a recompensa do Creador do movimento da vida no Universo ao valor da força de vontade e do trabalho de nossos denodados concidadões que, em tempos passados tanto fizeram pela grandeza de Caxias, deixado á sua posteridade e maiores exemplos de tenacidade, criando no interior do Maranhão tão bem montadas fabricas que as adversidades do tempo ainda não pederam destruir. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 10 de setembro de 1949, Ano XVI, p.2).

Para o jornal além ser histórica a questão do processo de crescimento da cidade naquele momento, por causa da experiência do passado de ter

vivido tempos de glórias e prosperidade. O *Cruzeiro*, não deixa de acrescentar que esse momento também tem a intervenção de Deus para orientar os investidores em concentrarem o seu olhar para a cidade, além de abordar também que esse crescimento é um esforço mutuo. Como já apresentamos anteriormente, o jornal não traz em suas paginas discursos que podemos perceber a desunião entre as classes de operários e patrões. Na ótica do jornal, ambas estão sempre juntas para viabilizar o crescimento da nação e do bem estar da cidade.

Por isso que o jornal não deixava de assinalar que o passado glorioso da experiência fabril e do espírito de empreendedores dos caxienses naquele momento histórico poderiam ser a justificativa por Caxias está experimentando tempos tão fortuitos. Desse modo, o *Cruzeiro* considera:

E foi graças ao rico patrimônio que os nossos maiores deixaram á coletividade caxiense, que, agora torna-se fácil a concretização duma inspirada idéia do Cel. José Ferreira Guimarães Junior, cuja vida de trabalho se processou durante muitos anos no setor rumores das fabricas de tecidos desta cidade deconstruidas pela dedicação e esforços dos seus antepassados. E que ainda hoje, continuam a produzir seus bons frutos pela heroica resistência e operaridade dos continuadores de tão grandes iniciativas industriais, que são as bases fundamentais da vida social e econômica de Caxias. Embora ofasiade há tempos das lidas industriais por ter fixado residência no Rio de Janeiro, nunca pode esquecer a meia operário de Caxias, onde por longos anos empregou as suas atividades no comercio e depois na industria. O Cel José Guimarães, em entendimento amistoso com o capitista deputado Hugo Borghi de S. Paulo dinâmico impulsor das industrias oleoginosas do país, ao qual fez exposição completa das riquezas naturais de Caxias em plantas em produção de oleus apresentando as vantagens de sua industrialização em Caxias em vista de possuir o prédio da antiga fabrica de tesidos União Caxiense de sua propriedade, que punha a disposição do grande industrial paulista. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 10 de setembro de

1949, Ano XVI, p.2)

O jornal aborda que o processo de instalação da nova indústria na cidade passa por vários momentos desde a procura do espaço, as possibilidades de instalação como de matéria-prima que podem existir em Caxias. Nota-se que o jornal em seu discurso não apresenta que os investidores teriam dificuldades para trazer para cidade a fábrica de óleos, primeiro como o jornal sempre frisa, a cidade possui riquezas naturais, em abundância, por exemplo, o próprio coco babaçu, considerado pelo jornal *Cruzeiro*, como “ouro negro”. Assim mediante as facilidades o jornal diz que a indústria seria bem vinda, e bem acolhida tanto pelas autoridades como pela população, pois assim mais empregos seriam gerados e mais desenvolvimento para cidade.

Sendo bem acolhida a proposta do antigo industrial Cel. Zesinho Guimarães pelo deputado Hugo Borgui, diante a boa vontade de encontrada da parte do seu visitante maranhense, resolveu logo adquirir o prédio no qual será instalado o completo maquinário da futura indústria de oleus vegetais, em Caxias. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 10 de setembro de 1949, Ano XVI, p.2).

O *Cruzeiro* informa que após as negociações entres sócios a indústria, ou melhor, a *Companhia Brasileira de Oleos S. A.* foi fundada em Caxias, cujos sócios eram Deputado Hugo Borghi, Dr. Rui Fascesni, Cel. José Ferreira Guimarães Junior, Afonso Correia Leite, Severo Pinheiro Fonseca perfazendo o capital de doze milhões de cruzeiros, tendo por fim a constituição de uma indústria que movimentaria o comercio de óleos e vegetais na Princesa do Sertão.

Na ocasião, o jornal aponta que a direção do novo empreendimento que foi instalado na cidade ficaria teria como diretor o Dr. Contreiras,

engenheiro, que cuidaria de todos os trabalhos desde a contratação de mão de obra, como a própria ampliação e melhoramento do prédio onde foi instalada na nova fábrica. Para o jornal com a administração destinada ao engenheiro o novo espaço industrial seria inaugurado logo no ano de 1949. Nessa ótica, o jornal aponta, iria trazer para aquele momento “[...] notáveis benefícios ao povo caxiense e dando maior vida social a Caxias.” (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 10 de setembro de 1949, Ano XVI, p.2).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Antonio José B. de. *Memórias de Caxias: cada rua, sua história*. Edição e Produção Câmara Municipal de Caxias, 1992.
- CERTEAU, Michel de. *Invenção do Cotidiano 2: morar, cozinhar*. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 9 Ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- CHAUI, Marilena de Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 6ª Ed., v. 2. São Paulo: Cortez, 1993.
- COUTINHO, Milson. *Caxias das aldeias altas: subsídios para sua História*. 2ª ed. São Luis-MA; Caxias-Ma: Prefeitura de Caxias, 2005.
- DE DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Cotidiano de Trabalhadores na República*. São Paulo 1889-1920. Coleção Tudo é História, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- FILHO OLIVEIRA, Valdinar da Silva. *A tradição por um fio: uma história das sensibilidades em relação aos espaços na crise dos padrões de masculinidade no nordeste (1940/1980)*. Tese de Doutorado (Instituto de Ciências Hu-

manas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense-UFF, Niterói, 2010.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções*. Paz e Terra, 10 edição, 1997.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador, 1912-1916*. (Dissertação de Mestrado), UFBA Salvador, 1996.

PEREIRA, Ana Paula Alves. *As pipiras da fábrica: as mulheres operárias sob o olhar da sociedade caxiense na década de 1950*. (Monografia apresentada ao Departamento de História e Geografia) Caxias, CESC, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*: Ed. Universidade/ UFRGS, 1990.

SILVA, Rogério Forastieri. *O Brasil de 1945 a 1964*. – São Paulo: Núcleo, 1992.

Fontes

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 12 de janeiro de 1946, n.º 535.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 07 de abril de 1949, n.º 648.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 23 de fevereiro de 1946, p.7

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 12 de janeiro de 1946, num, 535.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 10 de setembro de 1949, Ano XVI.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 28 de novembro de 1946.

CRUZEIRO, 23 de fevereiro, de 1948, n.º 621.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 30 de janeiro de 1948, n.º 620.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 7 de setembro de 1947, n.º 607.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 28 de janeiro, de 1949, nº 644.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 23 de fevereiro, de 1948, nº 621.